

**CAPOEIRA, LEITURA E ENSINO SOB UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR NO
GÊNERO CONTO: UMA PROPOSTA PARA APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03**

**CAPOEIRA, READING, AND TEACHING FROM AN INTERDISCIPLINARY
PERSPECTIVE IN THE SHORT STORY GENRE: A PROPOSAL FOR THE APPLICATION
OF LAW 10.639/03**

**CAPOEIRA, LECTURA Y ENSEÑANZA DESDE UNA PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR EN EL GÉNERO DEL CUENTO: UNA PROPUESTA PARA LA
APLICACIÓN DE LA LEY 10.639/03**



10.56238/revgeov16n5-045

Francisco Orismidio Duarte da Silva

Doutorando em Educação

Instituição: Universidade de Pernambuco (UPE)

E-mail: francisco.odsilva@upe.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5882-856X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1437184434098981>

Polyana Carvalho Nunes

Doutoranda em Educação

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

E-mail: polyanaportugues@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2847-5828>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1823547690744192>

RESUMO

Este trabalho parte da percepção da capoeira como potencial ferramenta interdisciplinar e importante possibilidade de educação e aplicação da Lei 10639/03 em nossas escolas. Nessa investigação, lançamos um olhar ao conto “Quilombo Cariri” e temos por objetivo criar outras possibilidades para a educação das relações étnico-raciais, através da proposição de uma sequência didática para o ensino médio, explorando a capoeira por meio de uma manifestação artística literária: um conto. A reflexão sobre essa temática surgiu a partir das experiências pessoais e profissionais que nos apontaram para outras possibilidades de inserção da capoeira nas escolas para além da disciplina da educação física. As bases que auxiliaram essa reflexão partem dos estudos realizados por (ABIB, 2019), (COSTA, 2013), (CANDAU, 2013), (MATA MACHADO e ARAUJO, 2015) e (SILVA, 2020) acerca da capoeira, educação e cultura, associados ao estudo da interdisciplinaridade realizado por (CIAVATTA, 2015). Na formatação desta proposta, observamos a capoeira enquanto uma manifestação cultural afrodescendente brasileira e, assim, vislumbramos a sua contribuição como uma importante possibilidade de educação e aplicação da referida lei em nossas escolas.

Palavras-chave: Educação. Capoeira. Leitura. Literatura. Lei 10639/03.



ABSTRACT

This work is based on the perception of capoeira as a potential interdisciplinary tool and an important possibility for education and application of Law 10639/03 in our schools. In this investigation, we take a look at the short story “Quilombo Cariri,” and our goal is to create other possibilities for the education of ethnic-racial relations by proposing a teaching sequence for high school, exploring capoeira through a literary artistic expression: a short story. Reflection on this theme arose from personal and professional experiences that pointed us to other possibilities for incorporating capoeira into schools beyond the discipline of physical education. The basis for this reflection stems from studies conducted by (ABIB, 2019), (COSTA, 2013), (CANDAU, 2013), (MATA MACHADO and ARAUJO, 2015), and (SILVA, 2020) on capoeira, education, and culture, associated with the study of interdisciplinarity conducted by (CIAVATTA, 2015). In formulating this proposal, we observe capoeira as a Brazilian cultural manifestation of African descent and, thus, we envision its contribution as an important possibility for education and application of the aforementioned law in our schools.

Keywords: Education. Capoeira. Reading. Literature. Law 10639/03.

RESUMEN

Este trabajo parte de la percepción de la capoeira como una herramienta interdisciplinaria potencial y una importante posibilidad para la educación y la aplicación de la Ley 10639/03 en nuestras escuelas. En esta investigación, echamos un vistazo al cuento «Quilombo Cariri» y nos proponemos crear otras posibilidades para la educación de las relaciones étnico-raciales, mediante la propuesta de una secuencia didáctica para la enseñanza secundaria, explorando la capoeira a través de una manifestación artística literaria: un cuento. La reflexión sobre este tema surgió a partir de experiencias personales y profesionales que nos señalaron otras posibilidades de inserción de la capoeira en las escuelas más allá de la disciplina de la educación física. Las bases que ayudaron a esta reflexión parten de los estudios realizados por (ABIB, 2019), (COSTA, 2013), (CANDAU, 2013), (MATA MACHADO y ARAUJO, 2015) y (SILVA, 2020) sobre la capoeira, la educación y la cultura, asociados al estudio de la interdisciplinariedad realizado por (CIAVATTA, 2015). En la formulación de esta propuesta, observamos la capoeira como una manifestación cultural afrodescendiente brasileña y, así, vislumbramos su contribución como una importante posibilidad de educación y aplicación de dicha ley en nuestras escuelas.

Palabras clave: Educación. Capoeira. Lectura. Literatura. Ley 10639/03.



1 INTRODUÇÃO

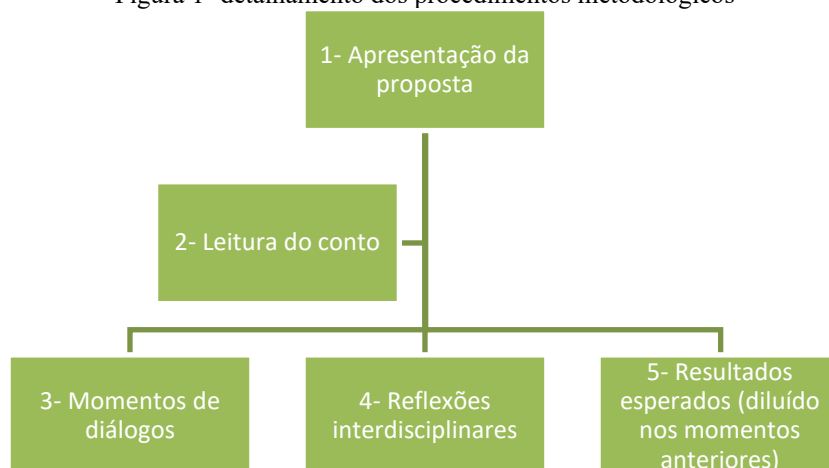
Neste trabalho, apresentamos uma sugestão para a aplicação da lei 10.639/03, alterada pela lei 11.645/08, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira e indígena em todo currículo escolar de instituições públicas e privadas do nosso país. Intentamos, como objetivo geral, criar possibilidades para a reflexão sobre aspectos referentes à afrodescendência, à ancestralidade e à cultura brasileira partindo da capoeira como uma possibilidade para a educação das relações étnico-raciais, por meio de uma proposta interdisciplinar, aplicada ao gênero conto. Assim, definimos como objetivos específicos a ênfase aos valores ancestrais, sobre os quais assentam nossa vivência em sociedade e dos quais somos parte integrante. Acrescentamos a isso também a reflexão sobre as feridas herdadas do processo de escravização e sua perpetuação na contemporaneidade.

O público-alvo para quem essa proposta está voltada, ou seja, para quem ela foi pensada, são estudantes do Ensino Médio e a/o professora/o poderá, ao seu critério, aplicar esta proposta sob a forma de aulas ou, se preferir, desenvolvê-la sob o formato de projeto interdisciplinar, ajustando, se necessário, a metodologia proposta aqui à realidade de cada turma de modo que melhor possa explorar as potencialidades sugeridas por este material.

Estabelecemos como pré-requisitos, para o desenvolvimento desta sequência, a compreensão, por parte da/o discente, acerca da importância que a leitura tem em nossas vidas por nos possibilitar experienciar, compreender, reconhecer e nos reconectar com os diálogos que permeiam o universo e por meio dos quais nos constituímos por sermos também indivíduos sociais afrodescendentes.

Para auxiliar o trabalho docente, subdividimos essa proposta em cinco importantes momentos, perfazendo um total de 10 horas aula para sua aplicação, discussão e construção dos diálogos interdisciplinares em busca dos resultados esperados. Desse modo, esboçamos a proposta metodológica, de nossa autoria, pensada para a elaboração da sequência didática “capoeira e ensino sob uma perspectiva interdisciplinar no gênero conto”.

Figura 1- detalhamento dos procedimentos metodológicos



Fonte: elaborado pelas/os autoras/es



Os procedimentos metodológicos, adotados na construção da sequência, descrevem e detalham o que se espera de cada momento, instruem a/o docente na construção do percurso investigativo e reflexivo, apontam para questões norteadoras e, ao final de cada momento, apresentam um panorama sobre os resultados esperados e instigam a/o docente a aprofundar a discussão empreendida em cada seção metodológica.

Nós, enquanto também educadoras/es, partimos da compreensão de que a capoeira deva ser entendida enquanto uma manifestação cultural afrodescendente e que, portanto, encontra-se imersa em aspectos culturais, sociais, históricos, geográficos, artísticos, literários, dentre outros, e entendemos que estes fatores constituem rica fonte motivadora de uma aproximação entre o contexto de vida da/o aluna/o e o suscitam reflexões acerca de seu modo de interagir com as construções sociais que o circundam.

2 A CAPOEIRA COMO POTENCIAL FERRAMENTA INTERDISCIPLINAR NA FORMAÇÃO CRÍTICA DO DISCENTE E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

Por ser a capoeira uma manifestação cultural afro-brasileira, compreendemos que a mesma tenha um forte potencial à educação, uma vez que as manifestações culturais são grandes disseminadoras de conhecimentos e aspectos de muita importância e contribuição para o desenvolvimento humano.

As manifestações culturais afrodescendentes brasileiras foram urdidas em nossa diáspora quando na junção das/os várias/os escravizadas/os africanas/os estas/es imbricaram suas culturas e recriaram seus modos de vida em terras brasileiras.

Dessa forma, a capoeira carrega consigo uma amplitude de saberes e valores da cultura africana. Esses valores são evidenciados em seu conjunto cultural, mais precisamente no ensino via oralidade, na circularidade e na ancestralidade, isto é: no respeito à pessoa mais velha, por esta ser mais experiente diante a vida; na ritualística; na musicalidade; no corpo e na relação com a natureza, ambos aspectos da cosmovisão africana, pois ela

[...]ensina e reflete as formas de se relacionar com o outro e consigo mesmo. Assim, os ensinamentos da capoeira estão intimamente ligados ao processo de formação humana dos sujeitos, estimulando a constante auto-reflexão e auto-avaliação sobre, por exemplo, a relação com nossa família, com a(s) comunidade(s) a que pertencemos (de capoeiristas ou não), com nossa sociedade, com a humanidade, com o planeta, consigo mesmo. (MATA MACHADO e ARAUJO, 2015. p. 99, 100).

Sua prática tem um potencial que agrega as pessoas, a comunidade e proporciona aprendizados em diversos aspectos, principalmente aprendizados de e sobre a vida, convivência, partilha e construção de saberes proporcionados pela oralidade. Esse potencial é também evidenciado por meio da historicidade e musicalidade que contam e cantam causos, histórias e estórias da África e do Brasil,



de africanas/os e de afrodescendentes brasileiras/os, os quais narram os mais variados episódios da diáspora africana no Brasil, permeada de lutas, dificuldades, injustiças, glórias, preconceitos, discriminações e resiliência que os seres humanos escravizados passaram e seus descendentes ainda passam na contemporaneidade.

Como vemos, a capoeira carrega todos esses aspectos, porém o que constatamos na prática, em muitas de nossas escolas, é sua abordagem voltada particularmente ao campo da educação física, enquanto uma prática de ginástica/desportiva/cultural (Costa, 2013). Apesar de legítimo, esse lugar e essa atribuição, o que ocorre na maioria das vezes, é que seu contexto cultural se resume a uma atuação folclorizada e de entretenimento para atender às demandas escolares na ocasião de datas comemorativas e demais eventos, suprimindo e ignorando todo seu potencial artístico/histórico/cultural.

Segundo o professor Pedro Abib (2009), a capoeira na escola atua enquanto um terreno de luta, pois são acionadas memórias, identidades e tradições e estas se estabelecem enquanto forças para que se busque a autonomia e o reconhecimento diante a cultura eurocentrada e hegemônica de nossas escolas, porque ela busca “[...]formas de afirmação de uma cultura e de produção de um saber pautado em outra lógica, que não se submete à lógica imposta pela modernidade/colonialidade[...]” (ABIB, 2019, p.14).

Dessa forma, a capoeira pode atingir outras disciplinas e possibilidades, uma vez que a mesma proporciona uma aprendizagem que vai para além de uma prática de ginástica/desportiva/cultural, condicionada pela educação física, como nos mostra Costa (2013) e de uma mera folclorização, para assim se constituir em uma rica alternativa no que concerne à educação das relações étnico-raciais e à aplicabilidade da Lei10639/03.

Segundo Candau (2013), as imagens e representações de africanas/os, as quais a geração adulta brasileira teve acesso, foram imagens criadas pela visão branca europeia e estas proporcionaram uma visão animalizada, folclorizada e estereotipada das/os africanas, de suas sociedades e culturas. Essa visão, apontada por Candau (2013), nos faz ignorar o fato de que há na capoeira um conjunto de saberes que nos conduzem ao pensamento, à valorização e a nossa construção identitária.

Entendemos e pontuamos neste trabalho que a capoeira, por ser uma manifestação cultural afrodescendente, traz, em seu bojo de conhecimentos, aspectos que extrapolam e superam tanto a caixa da educação física escolar, que a olha como um esporte/luta, como também a ideia estereotipada, compartilhada por muitas escolas, que restringe sua utilidade e valorização apenas a datas comemorativas e entretenimento, para abertura e/ ou fechamento de eventos escolares ou desfiles cívicos, situações em que se evidencia a necessidade da presença de uma/um professora/or de capoeira e seu respectivo grupo.



Se há, nesse patrimônio imaterial brasileiro, uma diversidade de saberes possíveis e necessários à educação, devemos então perguntar-nos sobre como poderíamos inseri-los e aproveitá-los como possibilidade na educação. Encontramos uma resposta a essa indagação na interdisciplinaridade, pois, de acordo com Ciavata (2015), se faz importante compreender que essa possibilidade não se trata de justaposição ou soma de disciplinas, mas sim de inter-relações que ajudem na compreensão dos fenômenos estudados em sua totalidade, isto é, sendo respeitadas e valorizadas enquanto uma complexa produção social humana resultante de um determinado contexto.

Tendo a interdisciplinaridade a premissa de integrar os conteúdos das diversas disciplinas, a pensamos como o veículo condutor da capoeira e suas potencialidades aos conteúdos e disciplinas as quais a lei 10639/03 determina, mesmo porque a capoeira é uma complexa produção social resultante de nossa diáspora, por isso, pensá-la encaixada em apenas um contexto/disciplina é ignorar os outros valores que a mesma carrega. O uso dos aspectos e todos os valores socioculturais existentes na capoeira pode traduzir-se em uma prática pedagógica que se fortalece e apoia-se mutuamente para assim possibilitar um conhecimento mais significativo e útil as/aos alunas/os.

Sendo a Lei 10639/03 o resultado de uma luta política que visa a um currículo escolar alinhado com a diversidade étnico-racial brasileira, a capoeira na escola, sob uma perspectiva basilar interdisciplinar e, não apenas como uma prática de esporte/luta, se apresenta como uma possibilidade fértil para que a referida lei seja aplicada e, assim, nossa juventude tenha mais um caminho para se enxergar e se reconhecer negras/os uma vez que a capoeira carrega e dissemina a história e a cultura, como também os processos de luta e resistência experienciados pelas/os africanas/os e seus descendentes na diáspora em nosso país.

Sendo assim, buscar a interdisciplinaridade para inserção da capoeira na escola com vistas à aplicação da referida lei é trazer a resistência para compor essa roda e esse jogo. E, com isso, mostrar possibilidades para mudar/ romper a fragmentação do conhecimento imposta pelo eurocentrismo, ao tempo que também nos engajamos na luta por uma escola mais plural e mais próxima ao que determina a Lei 10639/03.

Desse modo, pautados nesses importantes e ricos alicerces, elaboramos uma proposta de ensino, baseada no conto “Quilombo Cariri”, componente do material educativo “A arte de Educar Gingando” fruto da dissertação de mestrado “A Arte de Educar Gingando: aspectos e contribuições da capoeira para educação”, ambos publicados em 2021 e 2020, respectivamente. Dito isso, passemos à proposta de ensino.



3 A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DE ENSINO - SEQUÊNCIA DIDÁTICA - CAPOEIRA E ENSINO SOB UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR NO GÊNERO CONTO

A seguir, esboçamos a proposta didática e seu detalhamento.

Primeiro momento - apresentação da proposta

Tempo estimado: 2 aulas

O professor poderá iniciar fazendo uma breve apresentação do plano de aula ou de ensino, caso queira desenvolver sob a forma de projeto, destacando o tema, os objetivos e a metodologia adotada para esta sequência de aulas. Posteriormente, poderá discorrer sobre a importância que a leitura tem em possibilitar novas formas pela qual apreciamos, experimentamos ou nos reencontramos com os elementos do mundo que nos cerca e nos constituem.

Para auxiliar nesse contexto, o docente poderá exemplificar que a Literatura, assim como a Arte e, muitas vezes, as duas, atuam em uma perspectiva de continuum, possibilitando outras possíveis leituras acerca da realidade e dos problemas sociais que nos permeiam. Essa abordagem inicial visa à preparação dos discentes para o encontro com a leitura do conto “Quilombo Cariri”.

3.1 RESULTADOS ESPERADOS:

Nesse primeiro momento objetivamos que a/o docente possa apresentar o plano de aula e especificar a metodologia que será utilizada para o desenvolvimento dessa sequência didática. Esperamos que, a partir disso, as/os alunas/os possam melhor compreender e interagir substancialmente com o conto a ser apresentado.

Segundo momento – leitura do conto

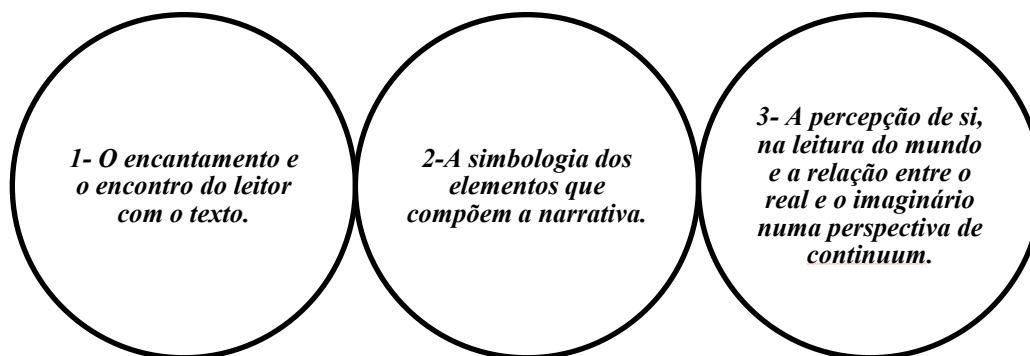
Tempo estimado: 2 aulas

Após o detalhamento metodológico, o texto deve ser entregue para que, de forma livre e prazerosa, venha a ser apreciado pelos discentes e, assim, sejam construídas as pontes propícias às reflexões e discussões que nortearão o percurso do trabalho docente sugerido nesta proposta.

Posterior à leitura empreendida pelos alunos, o/a docente poderá iniciar o diálogo convidando-as /os, a tecerem considerações acerca da construção das suas expectativas ao longo do desenrolar da narrativa. Esse momento representa o importante ponto de encontro com o tripé, que será desenvolvido e detalhado nos momentos seguintes, os quais se desdobrarão em momentos de diálogos, reflexões interdisciplinares e identificação dos discentes com os elementos que compõem a narrativa, conforme descrevemos abaixo:



Figura 2- reflexões interdisciplinares



Fonte: elaborado pelas/os autoras/es

3.2 RESULTADOS ESPERADOS:

Nesse segundo momento, esperamos as primeiras impressões, interações e uma aproximação prazerosa dos leitores com o texto.

Terceiro momento - o encantamento e o encontro do leitor com o texto.

Tempo estimado 2 aulas

A partir daqui apresentamos aspectos pontuais os quais a/o docente, se assim desejar, pode fazer uso como uma espécie de fio condutor para estimular as/ os estudantes, enquanto também leitoras/es, a revelarem ou refletirem sobre o quanto eles se sentiram pertencentes ou representados de alguma forma pelo universo ficcional apresentado ao longo da narrativa. São propícias a essas descobertas Indagações como:

- 1- O que acharam desse texto? Em quais passagens vocês experienciaram sentimentos como angústia ou entusiasmo, frente à narrativa que se desenrolava sob seus olhos?
- 2- Conseguem explicar a motivação para estes sentimentos?
- 3- É possível refletir sobre quais elementos, circunscritos na construção do enredo, são familiares e quais outros parecem desconhecidos a vocês?
- 4- A leitura do conto resgatou, acrescentou, constatou ou modificou algo na forma de vocês se perceberem perante o mundo? O que vocês gostariam de externar?

3.3 RESULTADOS ESPERADOS:

As respostas advindas desse diálogo poderão servir como pistas que orientam para a percepção de uma tomada de consciência e possibilitam o aprofundar de reflexões sobre a nossa formação cultural brasileira afrodescendente. Dessa intersubjetividade, nascida do encontro dos leitores com a obra, suscitam aspectos importantes e enriquecedores ao diálogo, os quais poderão ser aprofundados pelo docente, evidenciando, assim, uma maior aproximação identitária entre o discente e o universo do qual ele constitui parte integrante e indissociável. Além disso, o suscitar de sentimentos como empatia,



solidariedade e respeito podem colaborar para o despertar consciente da importância desses valores como pilares essenciais para a convivência em sociedade.

Quarto momento – a simbologia dos elementos que compõem a narrativa.

Tempo estimado 2 aulas

Este também se configura como um ponto interessante a ser abordado, visto que a densidade da narrativa passa a se desvelar perante a interpretação e integração dos ricos e simbólicos elementos que surgem dentro do enredo. Um leitor atento perceberá metáforas, correlações históricas, presença e materialização da religiosidade, ancestralidade, dentre tantas outras nuances que refletem e refratam a presença afrodescendente. A/O professora/or, enquanto mediador, pode auxiliar nesse momento promovendo questionamentos do tipo:

- 1- O que vocês conseguem inferir a partir da presença das correntes e das cicatrizes que permeiam os corpos negros descritos no conto?
- 2- Podemos estabelecer algumas correlações entre as marcas das correntes e das cicatrizes, descritas no conto, como tradução e materialização das muitas formas de silenciamento, apagamento e manifestações do preconceito racial vigente nos pilares que subjazem as estruturas da sociedade brasileira?
- 3- A partir dos pontos de confluência entre o real e o imaginário, construídos pelo narrador do conto “Quilombo Cariri”, no tocante à população afrodescendente, o que viria a representar para eles a fuga para um quilombo?
- 4- Existe, na sua opinião, alguma relação entre as pessoas que moram em periferias e a aquelas que constituem povoados ou formações quilombolas? Você consegue estabelecer alguma relação com o colonialismo e a formação desses grupos?

3.4 RESULTADOS ESPERADOS:

Como resultados, esperamos provocar reflexões sobre as relações entre a vida e o cotidiano das/os africanas/os e suas gerações no Brasil. Dessa provocação, é possível refletir sobre aspectos importantes no tocante à vida das/os afrodescendentes brasileiros, sejam estes moradores de quilombos, sejam moradores das urbes, para assim evidenciarmos as marcas do colonialismo presente em nossa construção social. A empatia, solidariedade e respeito adquiridas na etapa anterior voltam à discussão, provocando o olhar para si e para o outro dentro do conturbado contexto atual em que vivemos.

Quinto momento – a percepção de si, na leitura do mundo e a relação entre o real e o imaginário numa perspectiva de continuum. Tempo estimado 2 aulas



O quinto e último momento dessa sequência objetiva enfatizar que, por intermédio da leitura, os estudantes tornam-se ainda mais capazes de atuarem de forma crítica frente a muitas questões que lhes serão postas no decorrer da vida em sociedade.

Sob esse viés, dedicamos este momento ao aprofundamento da interdisciplinaridade já evidenciada em momentos anteriores, porém agora a trazemos de forma mais incisiva, pois objetivamos proporcionar aos discentes uma visão mais integrada da temática abordada no conto “Quilombo Cariri”. Mediante isso, a/o professora/or pode convidar as/os alunas/os a transporem a fronteira do literário para o real e promover reflexões sobre aspectos da realidade a partir de uma (re) leitura do conto. Algumas perguntas norteadoras podem servir de gatilho:

- 1- No conto, percebemos que, após uma difícil batalha ou enfrentamento, as pessoas escravizadas conseguiram embrenhar-se na mata e formar seu quilombo. Apesar da representatividade que este ato possui, podemos falar que elas alcançaram, de fato, a liberdade?
- 2- Seria paradoxal falar em liberdade para as pessoas negras e afrodescendentes em um país que possui em sua estrutura pilares de sustentação racista?
- 3- Que relação podemos estabelecer entre a população afrodescendente e as “amarras” impostas pela colonialidade? Como são vistas as políticas públicas que buscam minimizar esses efeitos? Quem as enxerga assim?
- 4- Além disso, as/os capoeiristas seguiam para um evento de capoeira ao final da narrativa. Vocês conseguem perceber algum diálogo entre quilombo, afrodescendência e da capoeira na atualidade, a partir da narrativa do conto Quilombo Cariri?

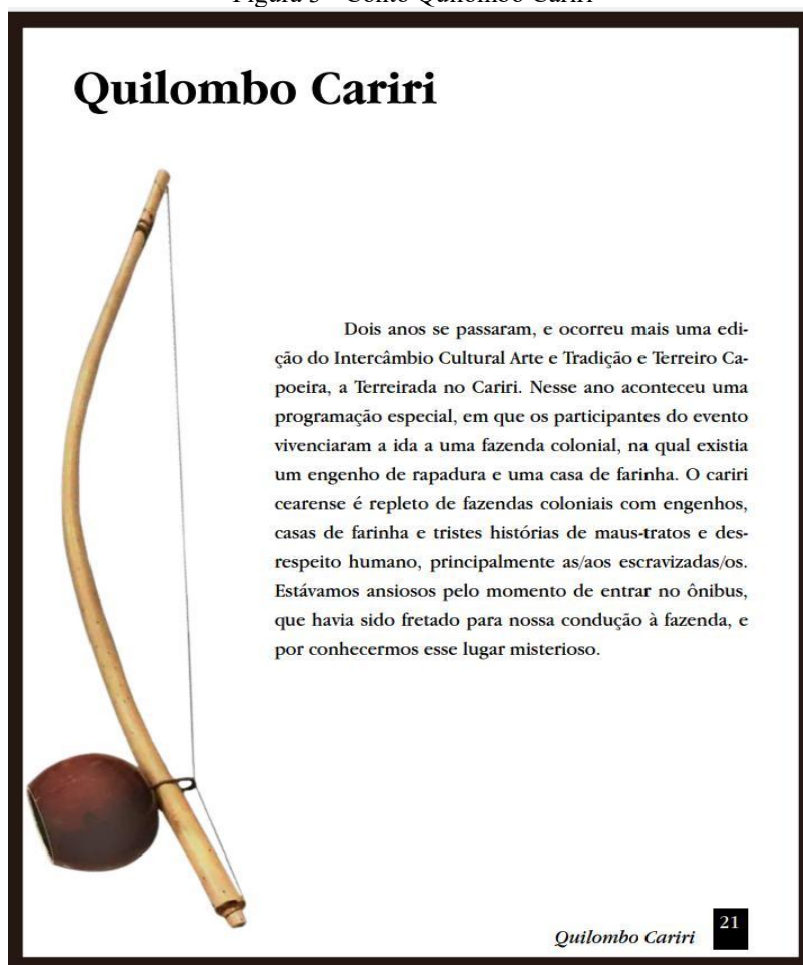
3.5 RESULTADOS ESPERADOS:

Chegamos a esse último momento provocando reflexões baseadas nas nossas experiências cotidianas. O que antes estava no campo da subjetividade adquire dimensão coletiva e passamos, então, a provocar questionamentos sobre as cruéis e injustas realidades brasileiras impostas a determinados grupos. Uma vez tomada a consciência sobre a formação social brasileira e sobre os aspectos da vida das/os africanas/os e afrodescendentes de nosso país, abre-se a possibilidades para reconhecer e refletir criticamente sobre a estrutura racista e colonialista na qual vivemos. Esse reconhecimento pode suscitar um debate necessário e contínuo acerca das políticas públicas de acesso e reparação às pessoas afrodescendentes na atualidade.

A seguir, apresentamos o conto “Quilombo Cariri”, rico construto narrativo que iluminou e suscitou todas as questões aqui elencadas.



Figura 3 - Conto Quilombo Cariri



Fonte: Material Educativo A Arte de Educar Gingando, 2021.

Figura 4 - Conto Ouilombo Cariri

Entramos no ônibus naquela euforia, aos poucos nos acomodamos e nosso transporte seguiu viagem. Berimbau, pandeiros, agogô, reco-reco e atabaque entraram em ação dando o ritmo das músicas entoadas durante o percurso, estávamos em pleno êxtase e a satisfação era nítida no semblante das pessoas.



Quilombo Cariri

22

De repente, um senhor, africano, imagino que em torno de seus 60 anos, de barba branca, cabelos encaracolados e com cicatrizes por todo o corpo, sai do fundo do ônibus e chega até onde o batuque acontecia. Um grito estrondoso foi emitido pelo senhor. Ê!!!!!!!!!!!!!! O berimbau cadenciou o toque, os outros instrumentos pararam para aguardar o novo ritmo. Um toque de angola começou a ser executado. O berimbau gunga iniciou tocando a base, o médio e o viola entraram logo em seguida fazendo suas firulas e o senhor iniciou sua cantoria.

Nela, o senhor africano falava dos dias de sofrimento passados, desde seu sequestro em Angola, até chegar em terras caririenses. A música era um lamento sobre o corte da cana, as noites enluaradas preso à senzala, o corpo chicoteado, ferido e marcado, a produção do açúcar, rapadura e aguardente, o plantio da mandioca e a feitura da farinha. A música também falava de esperança, da proteção ancestral, das forças da natureza, do aprendizado recebido pelas/os mais velhas/os...

No ônibus, só se escutavam os instrumentos e a voz cadenciada do velho africano, todas as pessoas estavam atentas a cada palavra proferida e cantada. Estávamos surpresos e curiosos, ninguém conhecia aquele homem...

A música continuava a ser entoada e, após repetir um dos versos, o homem canta:

- Lê viva meu mestre!!!! e todos respondem o coro em uma só voz! – lêee... viva meu mestre, camará! e continua...

• Iê vamos embora!!! – iêee... vamos embora, camará!

- lê chegada a hora!!! – iêee... chegada a hora, camará!

O homem silencia e dirige-se lentamente ao lugar de onde veio. Após alguns minutos, ninguém mais o vê!

Quilombo Cariri

2

Fonte: Material Educativo A Arte de Educar Gingando, 2021.

Figura 5 - Conto Quilombo Cariri



Quilombo Cariri

24

Aquilo mexeu com o sentido das pessoas que começaram a se indagar sobre o africano. Ninguém o conhecia, nunca o haviam visto. E como teria ele embarcado na viagem sem que ninguém percebesse?

Enquanto as pessoas questionavam o ocorrido, o ônibus chegava ao seu destino. Entramos em uma estrada carroçável e nela só avistávamos os canaviais, de ambos os lados. O verde das folhas nos ofuscava, o cheiro do massapê era sentido por todas/os. A esta altura da viagem, não mais se discutia sobre o velho. Alguns minutos a mais percorrendo a estrada, o ônibus chega em um grande portão de madeira. O motorista buzina uma, duas, três vezes, até que chega um moço para abrir o portão e entrarmos na fazenda. Mais alguns minutos de estrada, em meio a cana caiana, e uma arquitetura começa a aparecer ao longe. Muito exuberante, de cores branca e azul. Muitas pessoas colocaram a cabeça para fora da janela para acompanhar o percurso de chegada. A arquitetura, aos poucos, ia ficando mais nítida e se revelando como uma enorme casa e, ao seu lado, um engenho. Também começávamos a ver as/os trabalhadores, todas/os afrodescendentes...

Enfim, chegamos ao destino. Quando o motorista abre a porta, logo aparece um senhor, africano, com cerca de 60 anos, barba branca, cabelos encaracolados e com cicatrizes por todo o corpo. Este se põe à porta para nos receber.

Em suas pernas havia uma corrente que o impossibilitava de andar normalmente. Além disso, em seu lado direito, a corrente se estendia até seu punho. Quando o velho se movimentava, a corrente produzia um som horrível, que doía na alma...

Todas/os nós descemos do ônibus e estranhamos aquela situação. Começamos a perceber que todas as pessoas que trabalhavam no engenho estavam com a mesma corrente, que passava pelas duas pernas e se estendia até um de seus braços.

Quilombo Cariri

25

Fonte: Material Educativo A Arte de Educar Gingando, 2021.

Figura 6 - Conto Quilombo Cariri

Ao redor do engenho, pessoas a cavalo observavam todo o movimento. Apenas essas pessoas não estavam acorrentadas. O velho então nos levou à primeira parte do engenho e lá nos falou:

- Há muito tempo estávamos aguardando a vinda de vocês. As encantadas e as forças da natureza nos diziam que esse dia estava próximo! Estamos planejando uma fuga e precisamos da ajuda de vós micês.
- Temos em nosso meio boas e bons capoeiristas, mas estas/es se encontram acorrentadas/os e precisam se libertar para ajudar com a fuga das/os demais.
- Como vocês tem autorização do sinhozinho para andar livremente pelo engenho, vocês terão de libertar um a um.
- Mas como vamos fazer isso? Indagou uma das capoeiristas participantes da viagem.



Quilombo Cariri

26

O velho responde:

- Está vendo aquela coluna ali à sua direita? Nela há um torno com as chaves. A chave para os grilhões é a maior. Não há como errar! Você a pega e durante a visita vai abrindo as correntes de quem se aproximar, olhar para você e disser: Seja bem-vinda ao nosso engenho! Essas pessoas são as mais valentes capoeiristas que temos. Quando elas tiverem libertas, saberemos a hora de iniciar a revolta. Quando iniciar a revolta, vocês terão de nos dar cobertura. Não é necessário entrar no confronto para não levantar suspeitas. Inclusive, teremos que aplicar um golpe de capoeira em um de vocês para que possamos enganá-los. Nossos orixás já nos orientaram sobre a trilha e o rumo a tomar. Iremos à Chapada do Aratipe, próximo a uma nascente. Um lugar de difícil acesso, que só é penetrado pelo sol. A esse lugar daremos o nome de Solzinho e construiremos nosso quilombo.

O plano de fuga, que o velho discorria, parecia ter sido elaborado há muito tempo. O senhor sabia cada lugar e situação a ser vivida e superada. Descrevia tudo como se já conhecesse e, além disso, tivesse passado pelos lugares descritos e vivido toda aquela situação.

Tudo estava combinado e assim, o plano começava a ser executado. Berimbaus foram desarmados para que virassem armas. As baquetas também mostraram seus lados pontiagudos e assim, ficamos atentas/os a qualquer ataque realizado pelos capitães do mato.

Lentamente uma capoeirista de nosso grupo se dirigiu à coluna e pegou a chave. Ninguém percebeu e tudo parecia normal. Os vigias da fazenda acompanhavam nossa visita, mas não percebiam a trama elaborada e assim, cada pessoa escravizada, uma a uma, ia sendo discretamente libertada das correntes.

Após libertar aquelas pessoas indicadas pelo velho, o mesmo pede a chave e fala:

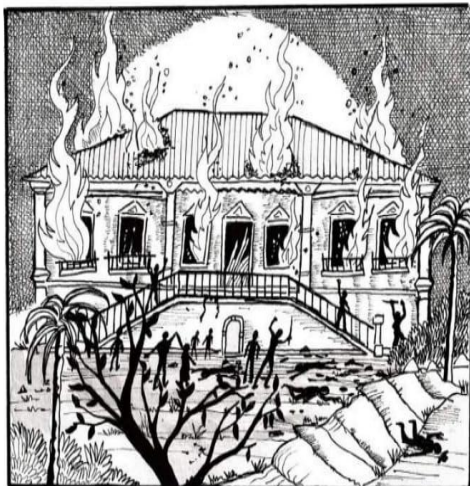
Quilombo Cariri

27

Fonte: Material Educativo A Arte de Educar Gingando, 2021.

Figura 7 - Conto Quilombo Cariri

– Pronto, sua missão termina aqui. Oxalá lhe abençoe! Quando a gente chegar no tacho de caldo de cana, se afastem, pois, a revolta começará por lá! Vamos jogar todo o caldo fervente nesses traidores! Não fiquem próximos à caldeira e quando a confusão começar, corram para o ônibus. Você aí, que é metido a fortinho. Sim, você mesmo! Sua missão será a de enfrentar aquele moço de cicatriz no rosto. Não se preocupe que ele não lhe fará mal algum, apenas aplicará um golpe de capoeira para que os capitães não desconfiem de vocês. Preparadas/os!? Deus do céu nos ajude!



Aos poucos, o engenho e seu funcionamento iam sendo mostrados. Nenhuma desconfiança por parte dos seguranças que estavam a observar. Chegamos à caldeira de caldo de cana, a olhamos, e o mestre de caldeira nos pede para atentar ao processo de chegada do caldo até a mesma. Nesse instante, nos afastamos naturalmente da caldeira quente, indo em direção à talha, que conduzia o referido caldo. Quando todas/os chegamos à talha, a caldeira quente é derramada sobre três guardas que fiscalizavam nossa visita. O motim começou! Corremos em direção ao ônibus. No caminho, nosso amigo capoeirista entrou em disputa com o

Quilombo Cariri

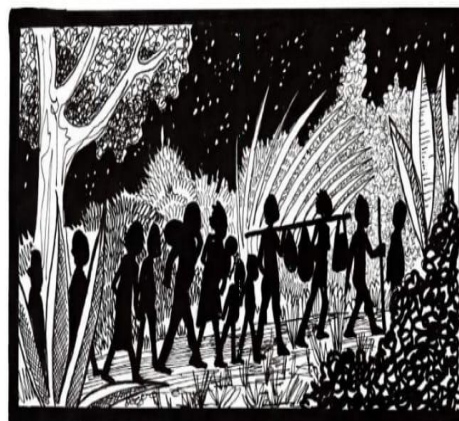
28

africano. Tudo como planejado! Os capitães do mato correram em nossa defesa e nos tiraram do local que ocorria o motim, levando todos ao ônibus e exigindo que saíssemos o mais rápido possível da fazenda. Assim fizemos...

Enquanto saíamos da fazenda, a luta continuava no engenho. As/os escravizadas/os incendiaram o engenho e a casa grande. As mulheres escravizadas, que estavam na casa grande e na senzala, trataram de organizar as sementes, os mantimentos e as ervas para a fuga em massa. Aos poucos, iam se embrenhando nos canaviais e fugindo daquele lugar. Quando os revoltosos perceberam que todas as pessoas já haviam se embrenhado nos canaviais e fugido da fazenda, começaram a correr e fugir. Já não era mais hora de lutar, a tática mudara repentinamente! As/os escravizadas/os, que lideraram a revolta espalharam-se e fugiram por lados diferentes, deixando confusos os capitães do mato que ainda tinham vida. Um escravizado conseguiu ser capturado... outros dois tentaram voltar para ajudar, mas o velho sábio disse:

– Não! será melhor perder um, do que três! vamos fugir e pedir aos orixás por ele!

E assim foi feito. Enquanto fugiam, o escravizado capturado era levado ao pelourinho. Lá, foi amarrado e açoitado até a sua morte...



Quilombo Cariri

29

Fonte: Material Educativo A Arte de Educar Gingando, 2021.

Figura 8 - Conto Quilombo Cariri

A fuga das/os escravizadas/os continuava e nenhuma pessoa a mais veio a ser capturada pois, aos poucos, a polícia do senhor de engenho perdia forças. Dois dias de fuga foram suficientes para que as/os fugitivas/os conseguissem adentrar na floresta. Na Chapada do Araripe estavam tranquilos e sem correr mais risco algum.

Mais uma semana de caminhada pela floresta, até chegar à nascente prometida pelos orixás. Uma parede calcária protegia o lugar ao poente, ao lado nascente, um vale protegido por uma densa e intransponível floresta. E junto à parede calcária, uma nascente de água pura e límpida!

Quando chegaram ao local, o velho reuniu todas/os e falou:

– Conseguimos, mas não é hora para comemorar. Teremos que passar algumas luas para poder fazer algum barulho maior por aqui. Por enquanto, teremos que trabalhar em silêncio. Vamos construir nossas moradas e começar a cultivar nossas sementes. Por falar em sementes, tenho que semear essas duas, em agradecimento aos orixás. Preciso que Maria Mezinheira venha comigo, pois temos que plantar essas duas sementes, ao pé da chapada e em diagonal com a nossa nascente e comunidade, que se chamará Solzinho.

– Vamos! não temos tempo a perder!

O velho e Maria Mezinheira se embrenharam de mata a baixo, em busca desse lugar escolhido por Deus. Quando lá chegaram, era final de tarde, então montaram acampamento e o velho disse:

– Maria, agora é com você. O local do plantio será esse e precisará de seus conhecimentos para a preparação do solo. Saberá usar suas ervas para produzir um ambiente favorável à germinação e ao crescimento dessas futuras árvores protetoras.

Maria, então silenciou e entrou em uma profunda reflexão. Alguns minutos depois, saiu pela mata colhendo o devido material para seu trabalho. O velho ficou no acampamento fazendo os rituais aos orixás, as energias da natureza. A

Quilombo Cariri 30



Fonte: Material Educativo A Arte de Educar Gingando, 2021.

Figura 9 - Conto Quilombo Cariri

noite chegou com uma lua crescente e, no auge da noite, o velho acordou Maria e lhe disse:

– Vamos Maria, é chegada a hora!

Em silêncio e profunda concentração, ela semeou as duas sementes no local indicado pelas energias da natureza e depois os dois voltaram a dormir. Acordaram na madrugada antes de o sol nascer. Fizeram suas orações, se alimentaram com sementes, frutos e ervas coletadas na floresta. Enquanto comiam, o sol começava a dar sua graça e luz. Foi quando o velho olhou para Maria e disse:

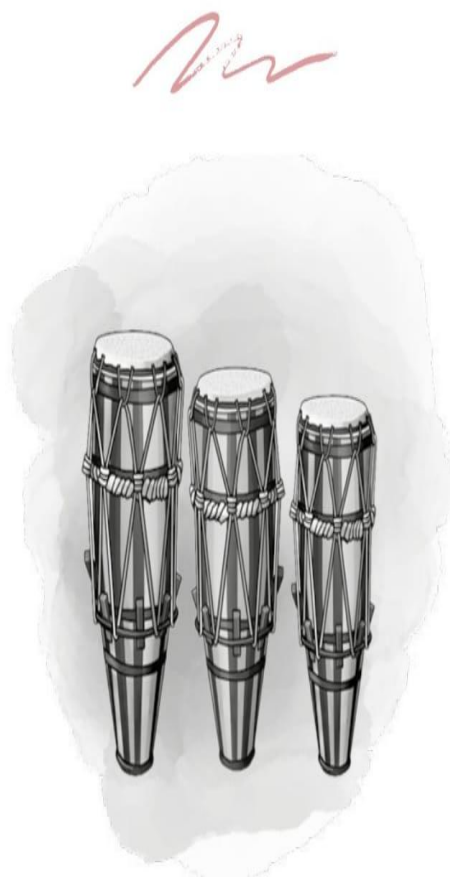
– Maria, minha irmã! Dessas sementes nascerão duas árvores encantadas, elas mostrarão aos viventes desse sopé de serra, nossas futuras gerações, que a vida é composta de fases, que estas nem sempre vão aparentar serem boas. Mas serão necessárias...

– Veja bem, essas árvores terão nesse lugar três ciclos bem definidos e distintos. O primeiro, será o ciclo onde elas ficarão todas verdinhas. Será no período chuvoso e parecerá o período mais belo. O segundo, será quando as chuvas acabarem. Daí, elas perderão todas as suas belas folhas verdes para dar lugar a flores amarelas e de brilho intenso. Essa, será a fase mais curta de suas existências, porém a mais intensa. Será também, a fase em que todas as pessoas vão perceber que elas existem. Logo depois, elas se recolherão... irão perder todas as flores e ficarão apenas com seus galhos. Nesse período, já não haverá sinal de chuva. Ninguém perceberá quem elas são, quais seus valores e suas belezas. Elas ficarão esquecidas até que as chuvas voltem e o verde de suas folhas deem início a um novo ciclo anual. Daqui a três dias e três noites, as sementes germinarão! Que Oxalá nos abençoe e nos proteja! que Oxóssi proteja as matas e estas futuras árvores! Axé!

– Axé! Respondeu Maria.

Quilombo Cariri 32

Após essa explicação, os dois regressam ao local do futuro quilombo para darem continuidade à vida em liberdade. Enquanto eles faziam o percurso de volta, o som de um telefone me desperta. Já são 5h da manhã!!!! e tenho que me dirigir ao Sítio Santo Antônio de Arajara, pois teremos nesta manhã de sábado uma visita ao engenho de rapadura e à casa de farinha, porque hoje se inicia o II Intercâmbio Cultural Arte e Tradição e Terreiro Capoeira- A Terreirada no Cariri.



Quilombo Cariri 33

Fonte: Material Educativo A Arte de Educar Gingando, 2021.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa sugestão didática e a abordagem da capoeira aqui empreendida parte de um olhar mais intrínseco aos aspectos e contribuições que esse patrimônio imaterial da cultura brasileira pode nos oferecer, enquanto uma possibilidade para aplicação da Lei 10639/03. Partindo disso, vislumbramos a interdisciplinaridade da capoeira através de suas nuances, produções e possibilidades. Neste trabalho a defendemos, portanto, como uma manifestação cultural afrodescendente brasileira, que carrega os valores da cosmovisão africana, constituindo um conjunto de saberes artísticos, históricos, filosóficos, sociais que ela carrega, produz e reproduz em suas vivências.

Essa percepção corrobora com nossa pesquisa de mestrado na qual percebemos a capoeira como uma grande produtora de conhecimentos, sejam eles artísticos, filosóficos, históricos, sociais, ambientais, dentre outros. Além disso, esses conhecimentos são importantes à educação, principalmente no que diz respeito às relações étnico-raciais, porque por meio da capoeira identificamos possibilidades para promover a educação igualitária proposta por Paulo Freire e tantas/os outras/os cientistas de nossa educação.

É de nosso desejo pessoal que a capoeira possa ocupar o chão da escola, indo além de uma abordagem e aceitação enquanto esporte/luta e entretenimento, perspectivas que comumente experienciamos em nossos espaços escolares. Sendo assim, ao utilizarmos o conto “Quilombo Cariri”, em nossa experiência específica, como meio para pensar a educação para as relações étnico-raciais, percebemos que os gêneros literários e outras produções artísticas, sociais, históricas e filosóficas, constituídos pela capoeira são importantes possibilidades educacionais, pois o abordar dessas questões no contexto escolar não demanda a presença obrigatória de uma/um professora/or, de capoeira e de seus grupos, visto que a capoeira transcende essa dimensão e alcança a interdisciplinaridade podendo, portanto, ser abordada pelo prisma das múltiplas disciplinas curriculares.

Reiteramos, à guisa de conclusão, que não estamos aqui defendendo ou propondo o ensino da capoeira sem mestre, mas o ensino através da capoeira, pois estas produções capoeirísticas podem e devem ser aplicadas por qualquer professora/or no âmbito de todo o currículo escolar tal como preconiza a lei 10639/03.



REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Culturas populares, educação e descolonização. Revista Educação em Questão, Natal, v. 57, n. 54, p. 1-20, e-18279, out./dez. 2019.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In Candau, Vera Maria e Moreira, Flávio Antônio. Org. Multiculturalismo: Diferenças pedagógicas e práticas pedagógicas. 10 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.

Clavatta, M. A interdisciplinaridade e a formação integrada: exercício teórico ou realidade possível? In: Clavatta, M. O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: A historicidade da educação profissional. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

COSTA, Neuber Leite. Capoeira, política cultural e educação. Tese (doutorado) 350 f. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2013.

MATA MACHADO, Sara Abreu; ARAÚJO, Janja. Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. Horizontes, [S.l.], v. 33, n. 2, dez. 2015. ISSN 2317-109X. Disponível em: <<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/256>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

SILVA, Francisco Orismidio Duarte da. A arte de educar gingando: aspectos e contribuições da capoeira para a educação. Dissertação de mestrado. URCA. Crato. 2020. Disponível em: <http://www.urca.br/mpe/wp-content/uploads/sites/14/2021/07/disser_oris.pdf>. Acesso em: 03/02/2025

_____, Francisco Orismidio Duarte da. A arte de educar gingando. Material educativo. URCA. Crato. 2020. Disponível em: <http://www.urca.br/mpe/wp-content/uploads/sites/14/2021/08/produto_francisco_orismidio.pdf>. Acesso em: 03/02/2025.

